

Autor: Coutto

À gauche Carlos Drummond de Andrade



Nos trinta anos de sua morte escrevi vários poemas, muito sentido pela perda do grande poeta, lembrando o décimo segundo dia de sua insuportável tristeza pela perda da Maria Julieta, na próxima metade do Agosto que vem, far-se-ão 33 anos que se foi, quem sabe, para encontrar a verdade do amor que não teve, ou para estar com sua filha, que queria acompanhar, e para se livrar da megera Dolores.

Um pai nunca deveria enterrar um filho. No seis de Agosto desse 1987, pouco mais de um ano depois de episódio que já lhes contei, pedem-me para ir ao cemitério em Botafogo, ao enterro da Maria Julieta, a única filha de Drummond. Lembro-me de passar um dia por Manguinhos e ver nos muros da Fundação Osvaldo Cruz imensa faixa com o nome da Maria Julieta, simpatizava com ela, vou ao cemitério. Lá está o poeta, mais defunto que a morta, de preto, rosto congelado, cumpre as funções que eram de se esperar dele, acompanhar à campa o ser a que ele mais amou em sua vida, e o faz maquinalmente, o faz como que por um instinto social, por uma razão de existir, que existir nos obriga a muita coisa. Vive ainda uma dúzia de dias de insuportável tristeza, até que nesse décimo segundo dia não suporta mais.

Passadas três décadas e três anos desses fatos ainda os recordo com espanto, porque para mim é espantosa a ligação entre as pessoas, quando são tão fortes, lembro de Minha bisavó Zizinha e sua filha mais velha, uma num dia e a outra no seguinte, como a nos dizer que esses dois seres viviam conectados, e tendo-se acabado um, o propósito do outro esvanecera.

Mas deixemo-nos de coisas tristes que a herança drummondiana deixa-nos muito o que lembrar por boas razões, não que as da morte não sejam boas, certamente serão, mas, sendo funéreas, decerto não são alegres, e alguém que amou e foi amado, alguém que desejou e soube cantar o desejo, alguém que viveu a realidade de seu tempo em plenitude, “Vosso pai evém chegando” deve ser lembrado no dia de sua morte por melhores razões que ela mesma. Lembremos de como se descrevia em face da vida:

“Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.”

Por fim deixo-vos um poema meu da fase drummondiana, em que, creio, Drummond se reveria:

As palavras.

“Palavra quando acesa
Não queima em vão
Deixa uma beleza posta
em Seu carvão.”
Fernando Filizola.
No telefone que toca

No letreiro que se lê

Repita-te a pergunta:

É como mágica
A que abre a porta...
Abre, pois que em abrir está tudo...
Mas há que conhecê-la

Ao usar a chave exata

O das coisas cerradas

Ávido para o comer...

Alumia a escuridão

E revelar todas evidências...

A que lhe abre a intenção
Conhecê-la e usá-la,
Palavras, palavras,
São o verbo!
Têm coração

A que despede e a que acena

É a centelha,

À todos toca!
Shakespeare apaixonado

E Dostoievski a olhar o infinito...
Ou Vinícius a fazer poemas,

.....

Rútilas e opacas
Cintilantes ou esmaecidas

Data de Publicação: 31-05-2020